

6. Amasculação e masculinidade hegemônica

GAYS AMASCULADOS E GAYS PADRÃO

Entre pessoas LGBTQIAPN+, o “padrão” ou “padrãozinho” é o gay que busca seguir a cisheteronorma. Tem a aparência e a manifestação de gênero hegemonicamente estabelecidas como ideais. O padrão é amasculado e, preferencialmente, musculoso. Geralmente, também é branco. Como vimos anteriormente, os que pertencem a esse modelo são os que mais fazem sucesso no mercado amoroso e sexual de homens não heterossexuais. A força e a virilidade fazem parte da amasculação. Por isso, masculinidade e musculação são complementares. O gay amasculado e o gay padrão se sobrepõem, sendo o padrão o modelo ideal do amasculado. No entanto, nem sempre esse perfil é símbolo de status. O termo padrãozinho também pode soar como uma crítica quando usado por quem se opõe à norma, como vimos anteriormente. Atrair-se por padrãozinhos, nesse contexto, pode ser lido como sinal de submissão à normatividade.

A trajetória dos padrões amasculados começa na infância. Nesse período, para fugir do lugar estigmatizado do afeminado, grande parte dos meninos se esforça para reproduzir as normas de aparência e comportamento masculino. Por isso, a manifestação de gênero

emasculada, frequentemente, não é uma característica espontânea, mas sim uma meta fortemente perseguida pelos meninos para não serem confundidos com viados. Esse esforço não é feito apenas por meninos heterossexuais, mas também por meninos não heterossexuais, com a preocupação de não serem identificados dessa forma. A partir de então, ocorre a busca por uma *hipermasculinidade* que garanta a esses meninos serem vistos como homens.

A busca pela ocupação da norma por parte dos meninos também implica em que eles não possam mais se relacionar com os colegas afeminados. Isso faz com que os meninos afeminados sejam excluídos do convívio com os outros meninos, isolando-se ou criando laços de amizade no convívio com meninas. Os que são homens e os que não são já se encontram devidamente demarcados. Porém, os meninos não heterossexuais amasculados também passam por uma forte tensão psicológica durante a infância e a adolescência. Eles não precisam lidar com a afeminofobia, mas vivem com um medo constante de serem descobertos, o que acarreta num controle contínuo de seus comportamentos, impedindo-os de ter experiências e expressões desejadas. A busca por ter uma manifestação de gênero amasculada se relaciona com o medo de ser agredido, ofendido ou inferiorizado. Nesse contexto, alguns meninos gays podem se “sufocar”, sacrificando-se simbolicamente para caber na masculinidade padrão. Mesmo depois de adultos e tendo publicizado sua sexualidade, muitos homens não heterossexuais mantêm-se na busca pela hipermasculinidade.

Para algumas pessoas, a homossexualidade é vista como o avesso da masculinidade, o que acarretaria o pensamento de que todo

gay seria afeminado. Mais ainda: na ideia de que o gay deseja ser uma mulher. Sob essa perspectiva, a existência de gays amasculados pode soar surpreendente ou contraditória. A masculinidade é definida frequentemente pelo seu oposto: o homem é uma pessoa que não deve ter determinadas características – fraqueza, covardia, sensibilidade etc. – e não deve fazer determinadas coisas – chorar, ter medo, agir de forma delicada etc. Assim, homem é quem não age como e quem não se parece com aquilo que se atribui à mulher. Do mesmo modo, é muito comum encontrarmos tentativas de definição do que seria um gay “ másculo ” o caracterizando como aquele que não é afeminado. O gay “ másculo ” é o que não rebola, não fala fino, não desmunheca. Portanto, quando buscamos discussões sobre gays “ másculos ”, muitas vezes encontramos discussões focadas não na hipermasculinidade, mas sim na afeminação. Para a cisheteronorma, o homem é uma identidade não marcada. Ele é o ser humano universalizante, do qual os outros se diferenciam. Do mesmo modo, o gay másculo também acaba reproduzindo esse lugar entre os homens não heterossexuais: ele é o gay “ normal ” – não necessariamente o “ comum ”, mas sim o que está dentro da norma.

A negação essencial que o homem precisa realizar para garantir a sua masculinidade é a negação ao feminino. Por isso, o gay másculo busca afastar de si não só a afeminação, mas frequentemente também a passividade sexual, ligada à mulher nas relações heteronormativas. Na construção da masculinidade tradicional, a atividade – como o oposto da passividade, inclusive sexual – é um valor tão importante quanto a coragem e a potência. Numa lógica binária, o passivo estaria

se aproximando da mulher ao renunciar ao seu papel de dominador para ser dominado por outro homem. A visão da passividade sexual como negativa fica evidente em expressões que buscam ser ofensivas fazendo referência a ela, como “vai tomar no cu”, por exemplo. O estigma da homossexualidade acaba recaindo muito mais sobre os passivos e, por extensão, mais uma vez sobre os afeminados, por se considerar que eles sejam os passivos. No entanto, a amasculação não está necessariamente ligada à atividade nas relações sexuais. Passivos amasculados costumam contar com uma maior aceitação em relação aos afeminados, o que não significa que não exista uma pressão simbólica também sobre eles.

A participação bem-sucedida em esportes, ao lado da força física e da disposição para correr riscos, é um dos índices de masculinidade que garantem um reconhecimento da amasculação. Ao mesmo tempo, é comum que os meninos resistam a atividades físicas consideradas femininas e até mesmo exagerem uma suposta inaptidão para realizá-las. Em consonância com esse contexto, Roberto (Bharbixas, 2018) acredita que o futebol é um fator de conquistas afetivo-sexuais: “jogar futebol, jogar bem sempre foi uma coisa que, inclusive, atrai mulheres, inclusive, mulheres hétero, muitas gostam do cara que joga futebol, o cara joga bem, o cara é paparicado e tal”. Lúcio (Bharbixas, 2023) explicou que o futebol foi usado por ele como uma forma de esconder sua homo-orientação.

Eu meio que vi minha aptidão, ali, pro esporte, principalmente futebol e tudo. E, aí, meio que surgiu como um refúgio pra mim, porque eu fui crescendo e fui juntando os pontinhos

e, por questões, assim, de me proteger mesmo da sociedade, do preconceito, da discriminação e tal. Então, eu vi como a sociedade trata o esporte e, principalmente, o futebol, nessa questão de mascarar: eu ali no meio, camuflado, entre aspas, né, entre os meninos, ali... Eu tinha, na minha cabeça, que ninguém ia desconfiar de mim, né? Então, eu meio que mergulhei mesmo de cabeça no futebol. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Apesar da sua estratégia, ele próprio ficava confuso com o pensamento por trás dela: “teve até uma fala muito marcante que eu escutei algum determinado momento da minha vida, que foi: ‘ah, o Lúcio não é gay não, ele joga bola bem e tal’. Na minha cabeça não entrava, dava um nó, assim: ‘gente, mas o que que tem uma coisa a ver com outra?’”

INTERSECCIONALIDADES: RAÇA, CLASSE E IDADE

Pedro Juliano (2020) aborda o lugar da negritude nas discussões sobre homossexualidade masculina. O autor nos lembra de que isso deve ser feito levando em conta um contexto de hipersexualização e animalização do negro, que persiste desde a escravização dessa população no país. Isso pode ser observado, por exemplo, no estereótipo de que o negro teria “instintos libidinais exacerbados”. Num quadro mais amplo, a masculinidade branca não se opõe apenas à feminilidade e à homossexualidade, mas também à masculinidade negra. Isso passa pela negação de espaços para esse outro “racializado”. É desse cenário que vêm os principais estereótipos sobre a

masculinidade do homem negro, ligada à agressividade e à violência. O homem negro é visto a partir de um lugar de alta virilidade, mas de forma sexualizada.

Por outro lado, Juliano destaca o estereótipo da bicha preta, a partir da figura de Jorge Lafond, o comediante conhecido nos anos 1990 pela personagem Vera Verão. A representação do gay na TV naquele momento seguia um padrão estereotipado, caricato e cheio de preconceitos, assim como a representação do negro. No entanto, essa era a única forma desses sujeitos ocuparem o espaço midiático. Lafond, por exemplo, adquiriu uma visibilidade que poucos homens negros conseguiam na época. Essa bicha, hiperafeminada e escandalosa, passou a ser uma representação importante no imaginário brasileiro.

Há também relações importantes entre homossexualidade masculina e idade. Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022) entrevistaram nove homens gays para discutir questões de manifestação de gênero e desejo. Um dos entrevistados apontou para uma relação entre os padrões de afeminação e amasculação e a idade. Segundo ele, quando era mais novo, ele era mais magro, sem pelos no corpo e simulava fragilidade para atrair homens amasculados. Depois de mais velho, passou a fazer musculação, deixou de se depilar e de fazer a barba para se mostrar mais amasculado. Antes era “mais passivo”, buscava alguém mais másculo que ele e queria ser protegido. Depois, continuou desejando alguém amasculado (“igual a ele”) e com o corpo parecido com o dele. Ele já não queria mais ser protegido e havia se tornado mais “flex”, ou seja, não queria ser só passivo: “quero dominar também”. Vamos retomar essa relação entre idade e homossexual-

lidade masculina mais à frente, demonstrando que, nas relações entre sujeitos de idades diferentes, pode existir uma lógica de dominação em que o mais velho é o “homem de verdade”.

Nos times de futebol pesquisados, também é possível perceber diversos tipos de interseccionalidades. O Bharbixas, que tinha um perfil mais afeminado, e o ManoTauros, que tinha um perfil mais amasculado, apresentavam composições diferentes no que diz respeito, principalmente, a classe e raça. Ao comentar sobre o perfil dos membros do seu time, Ângelo (ManoTauros, 2018) explicou que há um recorte de classe: “por um caminho natural, um caminho que a gente não escolheu, a gente acabou recebendo a maioria dos meninos muito carente [...] foi uma característica do ManoTauros, e uma parcela muito alta, de cinquenta por cento pra frente, são meninos muito carentes”. Por outro lado, Roberto (Bharbixas, 2018) comentou sobre o recorte de raça e classe dos membros do Bharbixas. Ele disse que “a maioria dos que ficam no núcleo do time, eu acho que são de classe média”. Ao falar sobre raça, ele apontou que o Bharbixas seria majoritariamente branco.

Então, é um time mais jovem. A maioria é branco. Eu lembro de um que era negro e morava longe, assim, na periferia, e esse acabou depois indo pro ManoTauros. Eu não sei se eu que tou falando bobagem, mas óbvio que existem negros gays e afeminados, mas muitos que moram na periferia, eles acabam tendo um comportamento moldado diferente. Eles acabam, tendo, talvez, mais esse lado *hétero cis*. Pelo menos os que foram jogar com a gente tinham, a maioria. Eles acabaram, alguns, indo pro outro time. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) acionou um estereótipo de como seria um gay negro e sugeriu que ele seria mais amasculado e teria uma compatibilidade maior com o ManoTauros. Ele também caracterizou o Bharbixas como um time jovem. No trabalho de campo realizado, não foi possível estabelecer um perfil específico de idade para os membros do ManoTauros. Isso pode significar que ele não apresentava uma uniformidade em relação a essa variável. No entanto, mesmo assim, ele se diferenciaria do Bharbixas, pelo fato de este último ter um perfil mais delimitado quanto a essa variável. Em conformidade com o cenário apontado por Roberto (Bharbixas, 2018), na pelada do Bharbixas da qual eu participei, havia apenas quatro negros no local, em meio a um total de dezenove pessoas (cerca de 20%), e quase todos os presentes eram jovens. Da mesma forma, enquanto assisti ao primeiro treino da equipe feminina do Bharbixas, identifiquei que a maioria das pessoas que assistiam ao jogo era branca e aparentava ser de classe média. Na 5ª edição do Champions LiGay, também pude perceber que grande parte dos jogadores do Bharbixas tinha uma aparência parecida. Eram brancos e aparentemente de classe média. Mas os jogadores do ManoTauros tinham um perfil diferente. Grande parte era preta e parecia ser de periferia. Outra questão apontada por Ângelo (ManoTauros, 2018) é que as pessoas que organizavam o Bharbixas teriam alto grau de instrução.

Por outro lado, Ângelo (ManoTauros, 2018) me disse também que havia alguns “viados com filho” no ManoTauros, e que eram os “mais afeminados” do time. Um deles seria muito novo, pobre, e já teria filhos. Supostamente, ele já se identificava como gay quando

resolveu ter filhos com a mãe das crianças, mas, mesmo assim, eles teriam resolvido concebê-las pelo método tradicional.

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que diferentes times de futebol LGBTQIAPN+ do país são conhecidos por terem jogadores com perfis específicos. Segundo ele, o Futeboys (SP) seria um time em que quase todos os jogadores são brancos. Eles seriam um “time de *Instagram*”, que gosta de produzir fotos e de “dar pinta”. Supostamente, não aceitam membros que não sejam considerados bonitos. O Unicorns (SP) também seria um time branco. O Alligaytors (RJ), por outro lado, seria um time com mais negros e pessoas de baixa renda. Eles seriam conhecidos como “cafuçus” e assumiriam esse título. Já os jogadores do Bulls (SP) teriam um perfil mais de “ursos”. Quanto à manifestação de gênero, enquanto seria cobrado no Bharbixas que seus membros fossem “megaviados”, times como o ManoTauros e o Alligaytors seriam considerados “heteronormativos” pelos demais.

O quadro mostrado no trabalho de campo aponta, por um lado, para uma possível relação entre afeminação, juventude, branquitude e classe média. Por outro lado, entre amasculação, negritude e periferia. No entanto, essas não são correlações verificadas de forma exaustiva, mas apenas pistas que nos são dadas pelos discursos dos entrevistados e por observações feitas em campo.

CORPO E EROTIZAÇÃO

Modelos de masculinidade presentes tanto na história da arte quanto nas mídias modernas foram ajudando a configurar e reconfigurar o

que entendemos como ideal de masculinidade. Na Grécia Antiga, o corpo nu masculino era visto como sinônimo de perfeição estética e moral, aproximando-o dos deuses. No Renascimento, esse mesmo tipo de representação foi redescoberto por artistas como Michelangelo e aplicado em obras como David. Nesse momento, tal escultura se tornaria uma representação máxima de masculinidade, juventude e heroísmo. Esses modelos históricos contribuem para o lugar do corpo jovem, forte e másculo na representação do homem ideal. A perfeição dos músculos de David transformou a obra em referência tanto pelo realismo anatômico que alcançava quanto pelo modelo de masculinidade que representava.

Na Grécia Antiga, a masculinidade ideal também era marcada por força, coragem e dominação, demonstradas especialmente no campo de batalha. Os músculos salientes e a pele bronzeada eram valorizados por sua relação com a prática esportiva, que ocorria ao ar livre. Nessa sociedade, os pelos corporais e a barba também eram apreciados por demarcar a passagem para a vida adulta e sexualmente ativa. Porém, se, na Grécia Antiga, a disciplina era supervalorizada, a partir da Idade Média, novos elementos foram sendo acrescentados à ideia de masculinidade, como beber em excesso, por exemplo.

Assim como o corpo masculino nu encarnava os ideais de masculinidade na Grécia Antiga e no Renascimento, na contemporaneidade, o mesmo continua a acontecer entre os homens não heterossexuais. Porém, agora, com os corpos dos próprios sujeitos sendo esculpidos. Não mais por artistas em pedra, mas por eles mesmos por meio da musculação. É o que evidencia o trabalho de Renan

Moura (2022), ao estudar capas de revistas voltadas para homens não heterossexuais. Na contemporaneidade, os músculos aparecem como sinal de virilidade em modelos masculinos de capas de revistas voltadas tanto para o público não heterossexual quanto para o público hétero. Porém, enquanto para este último o discurso usual é o da saúde, para o primeiro é, geralmente, o da erotização. As capas analisadas apontaram para um modelo estético que inclui elementos como pelos no corpo, bigode ou barba, músculos e tatuagens. A posição dos corpos também é importante na composição das fotos, com os modelos assumindo poses tipicamente relacionadas ao masculino – como sentar-se com as pernas abertas, mostrar os músculos, fazer uma expressão séria etc. Um aspecto não abordado por Moura em sua discussão sobre as capas de revistas analisadas é que, das sete capas apresentadas por ele, apenas uma traz um homem negro, tendo sua raça objetificada como exótica, pela frase: “*especial black men*: seis machos deliciosos”.

A partir desse cenário, Moura defende que a representação erótica do corpo de homens não heterossexuais é marcada pela cis-heteronorma. Isso promoveria uma homogeneização do que seriam os corpos desses sujeitos, criando uma imagem identitária que invisibiliza outros tipos de corpos. Um aspecto interessante notado em sua análise das capas de revistas é que 90% dos modelos seminus que as estampavam são homens hétero. Esse tipo de representação faz com que o ideal de masculinidade compartilhado por homens não heterossexuais seja o de um “macho alfa” estereotipado, o que acarretaria, para Moura, em uma “heterossexualização homossexual”.

É interessante, no entanto, pensarmos por que a idealização de um corpo másculo significaria uma “heterossexualização” de homossexuais. Essa percepção daria a entender que a heterossexualidade possui o monopólio de aspectos relacionados à masculinidade, como o corpo musculoso, por exemplo. Por que é esperado que esse seja um modelo apenas heterossexual? Como a discussão que estamos realizando sugere, a hipermasculinização aponta para problemas relacionados à homofobia internalizada e à busca por um ideal excludente. Entretanto, ao mesmo tempo, o perfil corporal ligado à masculinidade viril não pode ser visto como naturalmente associado apenas à heterossexualidade. Falando sobre a pose que a maior parte dos times LGBTQIAPN+ costuma fazer nas fotos das mídias sociais, Lúcio (Bharbixas, 2023) problematizou algo semelhante: “os outros times eram mais nessa pegada mais heteronormativa, assim, pode-se se dizer, sabe? Sempre fotos, assim... não tem nem como dizer que era de caráter hétero não, porque o que que é um caráter hétero numa pose, né, pra um time posar pra uma foto? Não existe isso, né?”

Outro aspecto do corpo masculino supervalorizado, numa lógica cisnormativa, é a importância do pênis como signo de masculinidade. Essa centralidade é perceptível na nossa linguagem, por exemplo, no uso da palavra “castrar” como sinônimo de perder a virilidade. Nas suas análises de capas de revistas voltadas para homens não heterossexuais, Moura identifica representações do pênis com tamanho avantajado (ou “superdotado”). Por mais que essas capas não mostrem o pênis em si, já que são imagens de modelos *seminus*, elas usam objetos como uma garrafa de champanhe ou um par de botas em frente a corpos masculinos sem roupa, servindo como metáforas

da masculinidade e potência do pênis. Mesmo quando os modelos estão de sunga, o volume do pênis dentro delas é destacado.

Obviamente, apenas uma minoria consegue se aproximar dessas características corporais hegemônicas. Dessa forma, alguns homens gays entrevistados por Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022), sobre manifestação de gênero e desejo, afirmavam que, por não serem “padrões”, não conseguiam ficar com gays normativos, pois estes também queriam ficar com alguém “igual a eles”. Assim, esses entrevistados buscavam ficar com alguém que se aproximasse na medida do possível da norma ou, então, com alguém que tivesse um nível de aproximação da norma semelhante ao deles.

No meu trabalho de campo, em alguns momentos, corpo e erotismo se apresentaram como elementos importantes. Durante o jogo comemorativo do aniversário de um ano do Bharbixas no Mineirão, alguns torcedores próximos a mim discutiam sobre um jogador do Bharbixas estar usando ou não cueca. A maioria achava que não, mas alguém defendia que ele estava usando uma cueca pequena, “fio dental”, e tinha “a bunda grande mesmo”. Um grande número de jogadores vindos de vários times do país aparentava ter tipo físico malhado e corpo construído em academia. Muitos dos membros do Bharbixas usavam shorts bem curtos. Esses torcedores comentavam sobre quais jogadores eram “gostosos” e, quando ocorreu uma falta, e um jogador ficou caído, alguém gritou: “eu faço massagem!” Também durante a 5ª edição do Champions LiGay, havia muitos homens musculosos sem camisa na torcida dos jogos. Wagner Camargo (2021), em sua etnografia na 3ª edição do Champions LiGay, registrou a relação da torcida com os jogadores “padrão”, no que diz respeito a corpo e sexualidade.

[...] tal formato corporal funcionava como um componente do desejo homoerótico naquele evento paulista e que colocava em circulação corpos, sexualidades e desejos. Observei uma sessão de fotos, ainda previamente às contendas, em que um jogador do *Futeboys* fez muito sucesso e arrancava olhares de muitas pessoas presentes: com uma musculatura torneada que a camiseta rosa e amarela esculpia, shorts justo, barba aparada e contínua, cabelos castanhos claros: ele parecia ser a “medida do desejo coletivo” (aspas na expressão que ouvi). Ao menos, foi o que pude capturar nas movimentações dos olhares, expressões de sorrisos aleatórios ou mesmo comentários cantos-de-boca [...] (*ibidem*, p. 7)

O autor destaca que predominavam os corpos brancos, cis, sem deficiência, aparentemente de classe média e ostentando padrões normativos e valorizados midiaticamente. Ele correlaciona esse perfil com uma frase falada pelos jogadores e até estampada em camisas: “futebol gay me representa”.

O QUE É SER HOMEM?

Na Grécia Antiga, a categoria “homem” não se opunha apenas às mulheres, mas também a jovens, crianças, estrangeiros e escravizados. Desse modo, o homem não era apenas um gênero, mas uma classe superior de ser humano, o único digno de ser chamado de cidadão. Ainda hoje, o homem é visto como o topo de uma hierarquia. A masculinidade é vista como um elogio e uma característica que leva à glória, e os que a ocupam “humilham” os outros, feminizados. O

homem continua sendo visto como o ser humano universal. Não é à toa que a palavra “homem” é usada como sinônimo de “humano”.

Contudo, se o termo “homem” é habitualmente usado como substantivo, ele também pode ser adjetivado. José Salgueiro (2016) demonstra essa possibilidade ao reproduzir a fala de um paciente de consultório de psicologia. Ele dizia que seu parceiro atual era *bastante homem*, e que nunca tinha estado com alguém *tão homem quanto* ele. Assim, os homens são colocados numa escala: do mais homem ao menos homem. Ao mesmo tempo, esse sujeito também se referia ao seu parceiro como “homem de verdade”, indicando que ambos são homens, mas o “homem de verdade” é o outro. Dessa forma, haveria camadas de significado sobre a palavra homem, sendo possível atender a todas elas, ou apenas ser um homem de mentira, um pseudo-homem. De fato, a palavra homem não é apenas sinônimo de humano. Ela também é usada como sinônimo de heterossexual e de másculo. Logo, é esperado do homem que ele seja hétero e amasculado. Quem não é, não seria um “homem de verdade”. Por isso, os gays que se preocupam em serem vistos como homens de verdade precisam se esforçar muito para isso, mostrando força, virilidade e amasculação, para “compensar” a sua homossexualidade.

Na escala da masculinidade, os héteros seriam seguidos pelos não heterossexuais amasculados e só então pelos não heterossexuais afeminados. É comum o pensamento de que a travesti viria em seguida. Mas essa é uma lógica equivocada que confunde a travestilidade, ao tratá-la como uma identidade masculina. A travesti não está incluída nessa “fila”, depois da bicha, porque ela é forma-

da por homens, e a travestilidade é uma identidade de gênero feminina (Vanrochris Vieira, 2021b). Logo, afeminação e travestilidade não são uma sequência.

De qualquer maneira, a palavra homem, no contexto da não heterossexualidade masculina, já teve diferentes apropriações. Isso está ligado ao fato de que o padrão desses relacionamentos sofreu muitas variações ao longo do tempo. O modelo de “casal gay”, formado por dois “homens”, com valores equivalentes aos de casais heterossexuais tradicionais (amor romântico, monogamia, núcleo familiar) passou a ser normativo há poucas décadas. Esse modelo difere ainda mais de seus predecessores se pensamos em dois “homens” que têm um papel equivalente na relação, sem assimetrias de gênero marcando o arranjo entre eles. Antes dessas configurações, as relações de natureza sexual entre duas pessoas do gênero masculino eram, por padrão, marcadas por papéis assimétricos, baseados no modelo heterossexual, que estabelecia naturezas diferentes para cada um dos envolvidos na relação. Essas conexões possibilitavam grau baixo ou nenhum grau de formalização, tendo como padrão a clandestinidade e, por vezes, a ausência de vínculos estáveis e românticos. O modelo que predominava no Brasil no fim do Império e início da República nos é apresentado por James Green (2000). Segundo ele, as praças e parques públicos eram ocupadas por “frescos” – categoria da época próxima à de “bicha” atual. Os “homens” (amasculados), frequentemente casados e ocupando posições sociais de prestígio, iam a esses locais para encontrar frescos com os quais pudessem transar.

Peter Fry (1982), a partir de pesquisa realizada na periferia de Belém (Pará), em 1974, mostra um cenário de transição entre o modelo assimétrico e o simétrico no país. Além disso, ele evidencia que modelos diferentes podem coexistir em diferentes espaços geográficos e sociais. O autor explica que, a partir da década de 1960, os movimentos homossexuais das grandes cidades brasileiras começaram a defender a igualdade e a simetria entre os companheiros sexuais, sem a reprodução de papéis masculinos e femininos. Ele atribui a propagação desse novo modelo principalmente a jovens universitários de classe média. Nesse contexto, todos eram chamados de “homossexuais”, “gays” ou “entendidos”, sem distinção. Em Belém, por outro lado, o que o autor encontrou foi um sistema de classificação que separava “homens” e “bichas”, entre as pessoas do sexo/gênero masculino que se relacionavam sexualmente com pessoas do mesmo sexo/gênero. As duas categorias variavam em termos de comportamento social e sexual. Enquanto o homem agia de forma masculina, a bicha reproduzia um comportamento mais feminino. Sexualmente, o homem penetrava, e a bicha era penetrada. O “homem” não deixava de ser homem por se relacionar sexualmente com outra pessoa do “mesmo gênero”, uma vez que ele era sempre o ativo. Esse arranjo fazia sentido naquela cultura, enquanto dois homens ou duas bichas se relacionarem sexualmente já era visto como algo que não fazia sentido, uma vez que a busca pela reprodução das relações entre masculino e feminino guiava o entendimento de sexo que existia ali. Porém, o autor ressalta que esse modelo não era exclusivo da periferia de Belém, prevalecendo também em outras

regiões do Norte e do Nordeste e em parte das populações pobres urbanas e rurais de todo o país.

Apesar das transformações que ocorreram na homossociabilidade afetivo-sexual masculina, parte desse modelo tradicional ainda vive. Rodrigo Dall'Ago e Tacia Rocha (2019) analisam vídeos pornográficos de sexo entre homens protagonizados pelo ator brasileiro Rafael Alencar. As cenas analisadas retratam situações de dominação baseadas em encenações de estupros, numa lógica em que um homem homossexual é estuprado por outro supostamente heterossexual, ou então um homem mais afeminado é estuprado por outro mais amasculado. Nos vídeos analisados, Rafael Alencar ocupa o lugar de dominador. Esse papel é construído a partir de sua estética corporal – incluindo o tamanho grande do pênis – e de sua manifestação de gênero hipermasculina. É interessante apontar que, mesmo quando um dos homens é caracterizado como mais afeminado, ele não se distancia muito do padrão de masculinidade, apenas não o ocupa tão bem quanto Rafael. Isso porque, na narrativa estabelecida, é preciso que todos os homens em cena sejam vistos de fato como “homens” para promover o desejo, ainda que a narrativa de dominação implique em uma assimetria. Existe um forte imaginário sexual, na pornografia, de conquista ou “conversão” de um homem hétero. De certo, ele se liga a esse padrão tradicional que constrói hierarquias de masculinidades, bem como à associação entre o heterossexual e a amasculação. José Salgueiro (2016) faz um relato sobre um paciente que tinha a fantasia de transar com um “cara” que não fosse gay, seduzindo-o. Ele seria o “dominado” sexualmente, mas

estaria “dominando” o hétero por se transformar em um objeto de desejo irresistível para ele.

Alguns sujeitos entrevistados por Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022), sobre manifestação de gênero e desejo entre gays, gostavam de malhar especialmente as coxas e os glúteos, buscando ter um formato de corpo considerado mais feminino. Um jovem entre eles disse que fazia isso porque gostava de se relacionar com “homens hétero”: “tem que estar toda depilada, cheirosa, tem muitos dos caras que são héteros, que gostam de brincar com o brinquedo das gays” (*ibidem*, p. 12). A lógica de que transar com outros homens seguindo determinadas condições não afeta a heterossexualidade de um deles é, literalmente, antiga: na Roma Antiga, o homem adulto podia ter relações com garotos jovens sem ser acusado de “invertido”.

Nos dias atuais, esses “héteros” (como sinônimo de homens) dos quais o entrevistado falava, estariam atrás de realizar fantasias sexuais. Eles pediam para o entrevistado lhes enviar fotos usando batom e roupa íntima feminina. Os homens com mais de 40 anos com quem ele ficava lhe ofereciam apenas encontros clandestinos. Muitos eram casados e não tinham corpos atraentes, mas, para o entrevistado, isso era compensado pelo fato de que eles lhe davam presentes. No entanto, esse interlocutor aponta para a existência de dois padrões: essa assimetria de idade estaria relacionada apenas ao sexo episódico. Para ter um relacionamento, ele teria interesse por pessoas da mesma idade que a dele. No entanto, ele acreditava que os gays amasculados da sua faixa etária não se interessavam por alguém

afeminado como ele, pois também queriam alguém “igual a eles”. Por isso, o entrevistado, que desejava namorar alguém amasculado, nunca havia tido um relacionamento. O mesmo padrão histórico, que vimos acima, mostra-se ainda hoje. Quando os homens (amasculados) não assumiam a homossexualidade como identidade, eles se relacionam com bichas (afeminadas). Mas quando começaram a assumir, passaram a se relacionar com outros homens (amasculados). Desse modo, a bicha (afeminada) serviria para o clandestino, mas não para o público.

MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E MASCULINIDADES SUBORDINADAS

A perspectiva feminista sobre interseccionalidades também se aplica às experiências do masculino. Há diversas formas de vivenciar a masculinidade a partir de diferentes lugares de privilégio ou subordinação, nos quais os homens podem estar, devido a outros eixos de dominação. Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) acreditam que a luta política de homens gays foi o que deu a ver a hierarquização das masculinidades. Essa autora e esse autor desenvolvem os conceitos de masculinidade hegemônica e masculinidades subordinadas.

O modelo hegemônico não estaria relacionado a uma maior presença estatística, muito pelo contrário: apenas uma minoria de homens realmente se aproxima dele. O que faz com que ele seja hegemônico, entretanto, é o seu caráter normativo, pois, como explicam Connell e Messerschmidt (2013, p. 245), a masculinidade

hegemônica “incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”. Por isso, a masculinidade hegemônica se constitui a partir de dois “outros”. A partir de um ponto de vista binário, um seria interno (masculinidades subordinadas) e outro externo (feminilidade). Mas não só as masculinidades subordinadas estão submetidas à hegemônica, como também as masculinidades subordinadas se relacionam umas com as outras de forma hierárquica. Por isso, mesmo entre as masculinidades homossexuais, há diferentes níveis de poder e legitimação. Além disso, outros eixos também entram nesse processo, como o racial, uma vez que a masculinidade hegemônica também é branca.

A masculinidade hegemônica é um modelo ideal e inatingível, uma vez que os discursos nunca são reproduzidos igualmente nas práticas. Mesmo assim, ele exerce um poder dominador sobre homens e mulheres, enquanto privilegia os primeiros. Nesse contexto, os homens que não estão muito próximos da masculinidade hegemônica, mas mesmo assim se beneficiam dela, desenvolvem o que Connell e Messerschmidt chamam de cumplicidade masculina. Essa cumplicidade, bem como a “complacência” de parte das mulheres heterossexuais, seriam pilares importantes para a masculinidade hegemônica. Essa hegemonia não está necessariamente ligada ao uso da força, mas sim à cultura, às instituições e à persuasão. No entanto, é preciso lembrar que os modelos de masculinidade são históricos, de forma que a masculinidade hegemônica muda a partir dos tensio-

namentos que vão surgindo. Por isso, para Connell e Messerschmidt, a luta contra a hierarquia de gêneros poderia possibilitar uma masculinidade mais humana e menos opressiva.

Miguel Almeida (1996) defende que as masculinidades subordinadas não estão fora da masculinidade hegemônica, mas sim fazem parte dela. Se a feminilidade e a homossexualidade são um “perigo” constante para a masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo, ela precisa desses negativos para ter sua própria forma. Por isso, quando olhamos para as masculinidades subordinadas, também estamos olhando para a masculinidade hegemônica.

O ideal hegemônico está ligada a um modelo tradicional de homem, que deve ser viril e machista, além de provar constantemente sua masculinidade sendo agressivo, submetendo-se a riscos e mantendo-se emocionalmente distante. O homem “tradicional” está ligado a um estereótipo que inclui a manifestação de força, dominância, agressividade e experiência sexual. Homens com esse perfil tendem a apresentar diversos comportamentos de risco, tais como fazer sexo com muitas parceiras sem uso de camisinha, consumir álcool em excesso, envolver-se em brigas e não buscar por atendimento médico em caso de doenças físicas ou mentais. Os esportes têm uma importância nesse contexto. Faz parte da construção da masculinidade enfrentar outros homens, e vencer uma competição é mais do que se provar bom nela, é também provar a superioridade da sua masculinidade.

Nesse contexto, as construções discursivas em torno do que é ser homem e do que é ser mulher são essenciais para a construção da realidade social em que os gêneros se inserem. Nas culturas oci-

dentais, homens e mulheres são definidos como seres com naturezas distintas. Pessoas do gênero masculino são caracterizadas como ativas, agressivas e perigosas, enquanto as do gênero feminino são tidas como passivas, fracas e submissas. Na cultura ocidental, a mulher está relacionada ao polo da natureza e o homem ao da cultura, o que liga a mulher à emoção e o homem à razão. No entanto, é preciso lembrar que os discursos sobre gênero variam de acordo com a cultura, e há aquelas que não definem apenas homens e mulheres de forma binária e oposicional. Na cultura brasileira, podemos citar a travestilidade como uma forma não-binária de construção de gênero (Vanrochris Vieira, 2021b). No entanto, os discursos não variam apenas entre culturas, mas também dentro delas, com a existência de concepções concorrentes e em interação.

SER HOMEM É DIFÍCIL?

A masculinidade, apesar de trazer incontestáveis privilégios para os homens, também acarreta um peso para muitos deles. Obviamente, os homens que se adéquam à masculinidade hegemônica gozam de uma situação muito mais confortável socialmente que a de mulheres e outros homens, em geral. No entanto, para muitos desses homens, desempenhar a masculinidade hegemônica é um trabalho que exige um esforço contínuo e também a renúncia a diversas experiências e necessidades. Os homens devem estar em constante vigília de suas próprias emoções e desempenhos corporais, o que, por vezes, acarreta situações de estresse e sofrimento

psicológico. No entanto, essa busca não surge como opcional, mas sim como uma pressão, uma vez que a inadequação implica riscos e punições, incluindo violências físicas, isolamento e desmoralização. É evidente que isso não deve implicar numa vitimização dos homens, mas no reconhecimento de que a masculinidade tradicional pode ter um poder devastador sobre todas as pessoas.

Além disso, a pressão por desempenho também recai fortemente sobre a masculinidade. É esperado do homem que ele sempre seja o melhor em tudo: ele nunca pode chorar nem se entregar, sempre tem que ser o mais forte e precisa competir constantemente. Nesse contexto, a virilidade é o signo da masculinidade ideal, e ela é marcada pela ausência de falhas e de submissão, sendo manifestada especialmente pela força física.

Para Valeschka Guerra, Arielle Scarpati, Julia Brasil, André Livramento e Cleidiane Silva (2015), é possível pensar na prática da masculinidade tradicional a partir de quatro eixos: esforço constante, restrição emocional, heterossexismo e provocação social. O esforço constante diz de uma necessidade de se manter permanentemente forte e confiante em público. A restrição emocional está ligada ao impedimento de mostrar suas emoções para os outros, precisando mantê-las escondidas. O heterossexismo se refere ao rechaço de qualquer atitude considerada feminina ou gay. Por fim, a provocação social implica que, para afirmar sua masculinidade, os homens devem provocar uns aos outros com “brincadeiras” e piadas, devendo também suportar essas provocações. A adequação ou não a esse padrão de masculinidade está relacionada com a honra e a reputação de pessoas do gênero masculino. A honra está ligada aos códigos de

conduta valorizados socialmente e depende do julgamento externo da “virtude” de cada sujeito. Assim, nesse raciocínio, ter honra dependeria apenas da virtude do homem, ou seja, da sua capacidade de se adequar a esse modelo. Por outro lado, o reconhecimento público dessa virtude seria importante porque a forma como nos vemos depende também do que os outros pensam de nós. Por isso, a desonra causa vergonha.

Valeschka Guerra *et al.* aplicaram um formulário para mais de 400 pessoas para identificar a percepção delas a respeito da honra masculina. As autoras e o autor constataram que os homens se preocupam mais com a honra masculina do que as mulheres, o que quer dizer que a maior pressão na busca por essa honra se dá entre os próprios homens. No entanto, as mulheres também relacionam a honra masculina com comportamentos tradicionais, como não demonstrar emoções.

A partir da década de 1960, com a reconfiguração do papel das mulheres nas relações, os homens passaram a viver uma “crise da masculinidade”. A indefinição sobre a forma como os homens devem se comportar, ocorrida desde então, tem levado a um questionamento sobre o peso negativo da sensibilidade, bem como o positivo da virilidade. A masculinidade tradicional tem sido cada vez mais questionada a partir de demandas como as dos movimentos feministas e LGBTQIAPN+. Isso acarreta uma sensação de insegurança para alguns homens, o que contribui para o medo da homossexualidade, uma vez que eles se vem sem conseguir delimitar bem as fronteiras entre o feminino e o masculino.

Nesse sentido, a homofobia pode surgir como um medo dos próprios desejos. Não necessariamente por se ter desejos homo-orientados, mas sim pelo medo de tê-los. Isso quer dizer que essa situação pode ocorrer não apenas com homens homo-orientados com homofobia internalizada, mas também com homens hetero-orientados inseguros. Da mesma forma, a afeminofobia pode surgir como reflexo do medo da sua própria afeminação. A agressividade contra o outro traria segurança sobre si mesmo. Outra consequência que surge dessa insegurança é o comportamento violento, afinal, a violência costuma ser considerada uma prova de masculinidade.